

William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas amazônias¹

Jirlany Bezerra*

É de conhecimento geral que o fator linguístico é determinantemente um dos pilares para a constituição da civilização humana. A integração de povos, suas organizações sociais e políticas, como também comerciais, são pautadas e desenvolvidas essencialmente pela linguagem, a interpretação humana do ambiente através da vocalização. Outrossim, o constituído ato de vocalizar, aprimorado conforme o seu contexto, é capaz de carregar observações singulares da realidade, interpretações únicas, progressivamente compartilhadas em comunidades, tipificando uma ideia, um conceito, de forma que a mesma comunidade passa a ser identificada pela forma que vocaliza e organiza seus conceitos da realidade.

É nesse sentido que a obra de Raquel Ishii, *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias* (2019), elucida com excelência e fluidez a gênese do pensamento de William Chandless¹, importante pesquisador inglês que dedicou parte de sua vida ao estudo na Amazônia e sintetizou seus registros em narrativas de teor científico, porém com observações personalíssimas. O cerne da investigação da autora, que atua na área de Letras e Literatura se pauta no

* ISHII, Raquel Alves. *William Chandless: arte e ofício em literatura de viagem pelas Amazônias*. Rio Branco: Nepan, 2019. 125 p.

** Universidade Federal do Acre.

1 Chandless foi um pioneiro e explorador inglês da Baía Amazônica na década de 1860. Ele enviou relatórios de suas expedições à Royal Geographical Society, que os publicou em seu jornal. O pesquisador morou em Manaus, explorou muitos dos afluentes do sul do rio Amazonas e contactou várias tribos indígenas.

fato de Chandless ser um nobre europeu, advindo do cerne do pensamento sectário do século XIX; isso movimentou não apenas Raquel Ishii, mas uma série de outros pesquisadores que também analisaram a raiz das observações de Chandless, assim como constataram o valor de uma narrativa ideológica estruturada há séculos, estruturada em relatos de viagem e focada nas diversas comunidades indígenas visualizadas – estas completamente alheias à sua rotina acadêmica.

A primeira parte do livro de Ishii é denominada “A escrita sobre a escrita: primeiras palavras”; a autora apresenta os percursos durante a sua trajetória acadêmica – trajetória imbricada pela formação como pessoa da região amazônica e formação profissional; Ishii expõe que mesmo estando em um dos centros de discussão das narrativas da Amazônia, não se encontrava imersa nesse contexto, devido ao pouco conhecimento das origens e discussões do mundo amazônico. Também enuncia que ao adentrar no grupo de pesquisa História e Cultura, Linguagem, Identidade e Memória (CPHCLIM), ligado à Universidade Federal do Acre – UFAC desde 2006, um universo de leituras, teorias, questionamentos, reflexões e problematizações foram surgindo (complementados principalmente por referenciais teóricos dos Estudos Culturais). Ademais, a sua experiência como professora substituta do Curso de Letras | Inglês | da Universidade Federal do Acre (UFAC) oportunizou que aprofundasse questões relacionadas à cultura e aos estudos culturais e “[...] despertasse para a necessidade de olhar criticamente as representações ou ‘modelos comportamentais’ de “culturas colonizadoras” que estão presentes – não exclusivamente – na literatura” (ISHII, 2019, p. 24). A autora descreve que esses pontos foram decisivos para romper com um olhar enraizado sob um único ponto a ser

visto e, com isso, buscou estender a sua perspectiva de estudo para outras áreas que abrangessem sentidos outros sob o objeto de pesquisa, direcionando e ampliando a sua visão sobre as diferentes narrativas e discursos sobre a Amazônia.

Em seu primeiro capítulo, “Do diário ao relato científico”, Raquel Ishii apresenta primeiramente a figura do explorador Chandless, enquanto um nobre inglês, de abastadas condições financeiras para o financiamento de seus estudos, de modo que Ishii tipifica nesse primeiro momento uma imagem já constituída de valores e costumes intrínsecos às castas mais altas da Europa, com uma educação de polimento impecável e ideologias carregadas da religião cristã e seus ditames. De outro modo, introduz ainda para o leitor os posicionamentos sociais do explorador.

O historiador e explorador Chandless, por ser um dos únicos a explorar a região da Amazônia com habilidoso trabalho, é valorizado no âmbito científico pelas suas experiências compactadas em relatos escritos, que no primeiro momento constituem um caráter estritamente científico. Sabe-se que Euclides da Cunha foi efetivamente um dos grandes responsáveis pela divulgação de Chandless, por também ser um explorador, embora numa posição diferente do inglês. Euclides² – enquanto escritor e jornalista correspondente de guerra utilizou as narrativas de Chandless como auxílio para suas novas impressões, assim absorvendo os conceitos através da leitura. Essa literatura – de Chandless – popularizou-se por não mais ser algo estritamente geográfico, e sim uma fonte de estudo com muita abrangência, alcançando temas etnológicos de toda a sorte.

² Como correspondente de guerra (jornalista), Euclides da Cunha (1866-1909) percebe que está diante de uma sociedade completamente diferente da litorânea. De certa forma, ele descobre o verdadeiro interior do Brasil, que mostrou ser muito diferente da representação usual que dele se tinha.

No decorrer do segundo capítulo, “Os habitantes do inferno amazônico”, Raquel Ishii expressa como que os relatórios de expedições de Chandless são preenchidos com impressões, decorrentes dos conceitos estruturais adquiridos pelo explorador em convívio constante com a alta casta da sociedade inglesa. Posto que a mente humana efetiva uma constante busca da imaginação para suprir a falta de coerência da realidade, é concebível que tal eventualidade tenha ocorrido ao explorador. Ishii narra ainda a dificuldade que teve de encontrar realidade nos relatos de Chandless, na medida em que as informações transcritas são, em sua maioria, constituídas pela imaginação romântica do explorador inglês, dotado de talento literário adquirido na Universidade de Cambridge, através do Bacharelado em Artes pelo Trinity College, sendo amplamente reconhecido pelos seus feitos no estudo da Arte.

A autora dá prosseguimento às suas análises e faz uma abordagem mais densa acerca do histórico social e da importância da ideologia, enquanto conceito, na observação humana, ao explicitar tanto a gênese da ideia de homem civilizado, que advém das antigas bases sociais cristãs e perdura até a contemporaneidade, como a necessidade da divisão humana em castas sociais, sendo os civilizados tipificados como dominantes e as inexploradas sociedades tratadas como objetos de análise e exploração. Conforme Ishii, é com tal observação preliminar que Chandless promove seus relatos na ausência de evidência científica válida. Desse modo, tal idealização tem como consequência a dicotomia clássica entre dominador e dominado, de maneira que a linguagem opera como fator de divisão social, imputando às “etnias subordinadas” um status social sem precedente para avanço ou diálogo direto com o “colonizador”, conforme configurações recorrentes.

O terceiro capítulo, “Práticos negros, guias, remadores e viajantes”, ressalta a questão anteriormente abordada, sobre a linguagem enquanto elemento político. Para Ishii, os conceitos estruturados na cultura dos dominadores, estabelecidos no arranjo de uma sociedade europeia tradicionalmente cristã e ortodoxa, preveem aos seus exploradores e cientistas uma visibilidade do nativo americano não como um ser humano, dotado de autonomia de vontade e direitos naturais garantidos a qualquer homem, mas sim como um “silvícola”, um ser da floresta que não pertence à categoria dos civilizados. Chandless, segundo a autora, carrega tal ideologia de sua pátria, ao categorizar os indígenas, tendo em vista que o explorador verbaliza expressões diferentes do inglês, com adaptações concisas para suprir as necessidades daquelas comunidades, mas que mesmo assim sofrem de constante comparação por parte do explorador, ao tomar a língua inglesa como referência essencial, as verbalizações mais distintas ocupam lugares reduzidos em seu elenco. Portanto, no curso do capítulo terceiro, Ishii preocupa-se em classificar a linguagem imputada aos nativos em três modalidades: *silêncio fundador*, *constitutivo* e *local*.

O constitutivo, mais amplamente comentado, consiste na imputação do dominador à definitiva condição do nativo como “subordinado”, “inferior”, no máximo “um doméstico”, e encaixa Chandless enquanto componente dos colonizadores, ao hierarquizar idiomas de acordo com o centrismo de sua sociedade. Por outro lado, Raquel Ishii explicita que uma das razões pela constante manutenção do raciocínio de Chandless acerca das temáticas amazônicas exista justamente em decorrência das expedições de Euclides da Cunha, que foi efetivamente o tradutor das narrativas do famoso explorador (Chandless), assim

como um seguidor de seus levando em conta não só os válidos dados geográficos e etnológicos, como também os seus conceitos europeus e o estrutural silêncio constitutivo.

Destarte, observados os elementos que a autora tão cuidadosamente elencou no curso da obra, é de conhecimento dos leitores o fato de que o conceito, ou seja, a ideologia advinda desse processo, é um item objetivamente determinantes para a análise da realidade. A sociedade europeia, estabelecida através da moral judaico-cristã, carrega os valores sectários e colaterais de seus pilares, expressando-os no momento de contato com outros povos, quase sempre dotados de expansiva agressão à cultura de outros povos, como ocorreu na Ásia, no século XIX, e também na América.

O trabalho de Ishii consistiu em expor esses embasamentos para refletir acerca das narrativas “científicas” na Amazônia, as quais mais representam ficção e romance do que ciência propriamente dita; narrativas advindas da idealização europeia do que seria o “dominado” – por influência de William Chandless, uma das maiores referências para os posteriores estudiosos da temática amazônica; Além disto, a obra de Ishii não só insere novas problemáticas, como também confirma a existência de alguns desses conceitos (supracitados) até os dias contemporâneos. Dessa forma, ao efetuar a leitura de Chandless, Ishii repassa parte da responsabilidade reflexiva para o leitor, tanto no âmbito científico como no âmbito social, acerca da manutenção desses conceitos descritos, uma vez já dissecados e refutados.

Recebido: 05/01/2022 // Aceito:27/10/2022